



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS



JOÃO MATHEWS DE CARVALHO RODRIGUES

**AS CONSTRUÇÕES DO IMAGINÁRIO NORDESTINO ATRAVÉS DE  
UMA ANÁLISE POLÍTICO-ECONÔMICA E HEMEROGRÁFICA (1877-1879).**

Picos  
2023

JOÃO MATHEWS DE CARVALHO RODRIGUES

As construções do Imaginário Nordestino através de uma análise político-econômica e hemerográfica (1877-1879).

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Piauí, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**R696c** Rodrigues, João Mathews de Carvalho

As construções do imaginário nordestino através de uma análise político econômica e hemerográfica (1877 – 1879) [recurso eletrônico] / João Mathews de Carvalho Rodrigues - 2023.  
47 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura em História, Picos, 2023.

“Orientador : Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro”

1. Seca. 2. Nordeste. 3. Interesse político. 4. Imaginário coletivo. 5. Província do Piauí. I. Monteiro, Francisco Gleison da Costa. II. Título.

**CDD 981.812 2**

João Mathews de Carvalho Rodrigues

**As construções do Imaginário Nordestino através de uma análise  
políticoeconômica e hemerográfica (1877-1879)**

Trabalho de conclusão do curso de História da  
Universidade Federal do Piauí, apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em História sob a orientação do  
Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa  
Monteiro.

Aprovada em 23/03/2023

**BANCA EXAMINADORA**

*Francisco Gleison da Costa Monteiro*

---

**Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro**

**(Orientador)**

*José Lins Duarte*

---

**Prof. Dr José Lins Duarte (Examinador Interno)**

*Jônatas Lins Duarte*

---

**Prof. Ms. Jônatas Lins Duarte -SEDUC-PE**

**(Examinador Externo)**

## RESUMO

Podemos mensurar que as problemáticas que envolvem a construção de um imaginário sobre o Nordeste partem principalmente de dois âmbitos: a formação social e as representações da seca. Diante desse quadro, é nítido o pensamento que destaca a seca como problema principal do nortista; que se destaca nesta construção como “um forte” que não *pode fugir* dos caprichos do clima quente e seco, que molda a geografia nordestina. É analisando o complexo imaginário que se forma sobre a região entre 1877 e 1879, que buscaremos entender a formação de uma imagem-problema, através de uma análise do modernismo que se inseria no Brasil. Analisaremos o contexto formador da estrutura social nordestina que: herdados a ótica do monopólio da terra, subjogados, pela oligarquia, ficam à mercê do trabalho semi-servil e escravo, com base na mudança de paradigmas nacionais sobre o dito *civilizado* e *não civilizado*. Os grandes latifundiários, que detinham em suas mãos o controle e influência política e econômica, impedem o advento da tecnologia moderna para a região. O recorte de 1877-79 faz-se importante nesse trabalho para entendermos que as compreensões sobre o nordeste e seu imaginário coletivo partem das respectivas datas, pois estas coincidem com algumas efervescências que moldavam o contexto econômico e cultural do Brasil junto a seca que assolava a região. Utilizamos, ao longo do trabalho, algumas províncias do Nordeste como exemplo para demonstrar os interesses políticos e as intencionalidades de lucrar com a seca após a inserção da mídia, que passa a dar uma visibilidade maior às problemáticas enfrentadas pelos nortistas (vislumbrando uma ideia de lucro, por meio dos holofotes que o nordeste ganhava), como é o caso da província do Piauí. Utilizamos um denso referencial teórico, misturando vários conceitos e ideias, para chegar em possíveis conclusões sobre a visão de Nordeste-problema; é nesse sentido que buscamos analisar os anos de 1877 como marca de uma criação imagética na região, indo além da mera análise naturalista, como faz Gilbert Durand, 1921-2012, que analisa o imaginário por meio do conceito antropológico. O ideal imagético surge por meio de um processo, segundo Durant, de tensões e movimentos internos do meio e coerções do mundo externo (nesse caso o modernismo), essas duas forças agindo por meio da imaginação que se tinha sobre a natureza da existência nordestina, resulta em um processo formador de imagens, ou seja, tudo que irá conceber a visão pejorativa sobre o Nordeste. Portanto, o imaginário atua como um fator determinante sobre a vida do ser humano/nordestino.

**Palavras-chave:** Seca. Imaginário. Moderno. Interesses. Política.

## ABSTRACT

There are several problems about the Northeast. From the ones that concern its social formation to the representations that people have about the region and the thought that drought is the main problem of the northeasterner, because he cannot escape from the whims of the hot and dry climate that shapes the northeastern geography. It is starting from both contexts and analyzing the complex imaginary that is molded about the region arising from 1877-1879, 19th century, that we will seek to highlight the formations of a problem-image, through an analysis of the modernism that was taking place in Brazil, and its consequences. We will analyze the formative context of the social structure of the Northeast which: inherited from the optics of the land monopoly, subjugated by the oligarchy, are at the mercy of semi-servant and slave labor, based on the change of national paradigms about the so-called civilized and uncivilized. The large landowners, who held in their hands the control and political and economic influence, prevented the advent of modern technology to the region. The years 1877-79 are important in this work for us to understand that the understandings about the Northeast, its collective imaginary, are based on these respective dates, because they coincide with some of the effervescences that shaped the economic and cultural context of Brazil, together with the drought that devastated the region. Some Northeastern provinces will be used to exemplify the political interests and intentions to profit from the drought after the insertion of the media, giving greater visibility to the problems faced by Northeasterners (dazzling an idea of profit through the spotlight that the Northeast was gaining), such as the province of Piauí. We will use a dense theoretical referential, mixing several concepts and ideas, to reach possible conclusions about the vision of the problematic northeast, which seek to analyze the years 1877 as a mark of an imagetic creation in the region, going beyond the mere naturalistic analysis, as Gilbert Durand, 1921-2012, who analyzes the imaginary through the anthropological concept. The imagetic ideal emerges through a process, according to Durant, which are the internal tensions and movements of the environment and the corrections of the external world (in this case modernism) these two forces acting through the imagination that had about the nature of the Northeastern existence, results in a forming process of images, myths, that is, everything that will conceive the pejorative vision about the Northeast. Therefore, the imaginary acts as a determining factor on the life of the human being/nordestino.

**Keywords:** Drought. Imaginary. Modern. Interests. Politics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01-----	33
Figura 02-----	36
Figura 03-----	37

## SUMÁRIO

1.VÁLVULAS DE ESCAPE PARA O FLAGELO FUGIDO DA SECA-----	13
1.1 FISIONOMIA DA SECA -----	21
<b>2. A CONTEXTUALIZAÇÃO DO SÉCULO XIX E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO IMAGÉTICA NORDESTINA -----</b>	<b>24</b>
1.2 “A BELA E A FERA” -----	27
1.3 VISIBILIDADES E INTENCIONALIDADES -----	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS -----</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS -----</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

O eixo principal deste trabalho é direcionado ao ideal de *nordeste-problema* e a análise da formulação de um imaginário depreciativo em torno do Nordeste. Analisando jornais da época como o *besouro 1878*, o *cearense (CE) 1877* e a *imprensa (PI) 1877*, buscamos mostrar como as representações dos nordestinos chegam às demais regiões do Brasil e como as ideologias políticas e culturais do período em questão moldaram as formas de enxergar as problemáticas decorrentes da seca nos anos de 1877-1879, instigando uma visão depreciativa da região Nordeste.

Por meio das inóspitas matas que abrigam os sertões, as chuvas irregulares e vastos períodos de estiagem, moldou-se uma explicação sobre a região nordestina dando palco para a geografia/natureza como agente modeladora do seio socioeconômico, sociocultural e sociopolítico. Foi por meio das adversidades geográficas, intencionalidades políticas e representações imagéticas que a imagem do nordestino foi ligada ao sofrimento do homem do campo.

Partindo de duas visões discrepantes, observamos que estas reforçam as imagens depreciativas disseminadas sobre a região Nordeste. O primeiro ponto de vista tende a ver as mazelas dos nordestinos como inevitáveis, nessa lógica o clima quente e seco comum da região acaba por gerar inúmeras problemáticas aos nordestinos, que ficam à mercê do clima. O segundo ponto de vista enxerga o sofrimento do nordestino como resultado de uma construção social que herda e mantém os caprichos dos latifundiários/oligárquicos, que, geridos pelos interesses próprios, dificultam o desenvolvimento do Nordeste.

A geografia/natureza, nessa visão, é apenas mais um agravamento que, fundido aos interesses das lideranças políticas e econômicas das províncias do Norte, dificultam a vida do nordestino; tudo isso inserido em um cenário que aspirava a modernidade e visava romper com a visão rural que permeava a sociedade.

Para além dessas transformações, temos também a introdução ainda mais massiva do advento tecnológico, que rompe com a ótica *modernista* no que tange ao uso da tecnologia (compreendida como facilitador da vida cotidiana) e nos mostra a calamidade nordestina em que a aspiração do *novo (desenvolvido, tecnológico)* deu aos homens a facilidade de mostrar suas máscaras. O que fica explícito principalmente com o uso malicioso das fotografias dos corpos dilacerados, que eram utilizadas para causar



comoção e dar legitimidade a ações políticas que, de forma geral, eram prestadas com intuito assistencialista.

Os críticos da modernidade, no século XX, carecem quase inteiramente dessa empatia com e fé em seus camaradas, homens e mulheres modernos. Segundo Weber, seus contemporâneos não passam de “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; e essa nulidade caiu na armadilha de julgar que atingiu um nível de desenvolvimento jamais sonhado antes pela espécie humana.<sup>1</sup>

Para compreendermos os possíveis pontos que instigam essas visões depreciativas sobre o nordeste, analisamos alguns aspectos importantes que nos fazem vislumbrar possíveis respostas. Através de um único ponto, pode-se gerar uma cadeia de reação que analisa, problematiza e aguça a nossa discussão; partiremos, então, do seguinte ponto: O que fez essa visão se consolidar? Ou seja, o que aconteceu no Brasil para que, até hoje, infelizmente, estas visões limitantes sobre a região nordestina se perpetuem?

Antes de tudo, devemos focar nos anos iniciais de um discurso sobre o Nordeste. Assim, escolhemos os anos de 1877-79 como recorte cronológico deste trabalho. Através da obra: *A invenção do Nordeste: e outras artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, buscamos analisar como o discurso separatista do Norte e Nordeste começa a se formular nesses períodos. Mas, infelizmente, essa ideia de separação os leva a pensar em uma problemática gigantesca que a região nordestina, até então norte, vinha enfrentando: a seca.

A seca de 1877-79 foi palco de grandes desfechos degradantes para o Nordeste, entre eles é que encontraremos as interpretações que chegam às demais regiões do Brasil, propiciando uma visão recheada de estereótipos. Através do periódico ilustrado o *besouro* 1878, podemos analisar como eram repassadas para as demais regiões do Brasil, as informações das problemáticas que as regiões do Nordeste assoladas pela seca vinham enfrentando. Dado essas informações, problematizamos como os discursos foram absorvidos pelos leitores do jornal, que moldaram, através de suas leituras e concepções prévias sobre o Nordeste, a partir do que era considerado importante para o período: a busca pelo modernismo no Brasil, a ruptura entre homem *bárbaro* e o dito *civilizado*. Consequente a ordem do discurso presente no documento, trabalharemos com Jacques Le Goff e sua obra *Documento/monumento, In, História e memória* para entendermos como

---

<sup>1</sup> BERMAN, Marshall. Modernidade: Ontem, hoje e amanhã. In: \_\_\_\_\_. *Tudo que é sólido desmancha no ar: aventuras da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982. p.25.

as narrativas presentes em um documento, passado, podem ocasionar mudanças relativas em uma sociedade. Nessa ordem, todos os pontos que se prezam nos discursos, sejam eles situados na abordagem jornalística, literária e historiográfica, enriquecem nossa discussão. Por meio de periódicos entre os anos de 1877 e 1879, analisaremos as articulações que eram tomadas perante os agravamentos da seca. Transmitidos nas falas dos representantes políticos das províncias e as respostas que se tinha perante as ajudas buscadas e as problemáticas anunciadas.

Ao que tange os processos de construção de um imaginário nordestino, os anos de 1877-79 são responsáveis por isso. O conjunto de fatores sistêmicos<sup>2</sup>, propiciados pelas negligências políticas em exercício da *indústria da seca*<sup>3</sup>, agravam-se junto a estiagem de 77-79. Assim, torna-se visível a dicotomia entre as visões que buscam explicações para as dificuldades enfrentadas pelo corpo social nordestino. Uns veem o clima como único fator responsável pela árdua vida no sertão; enquanto outros acreditam que o problema advém das construções sociais herdadas de uma organização latifundiária, que é vista como agente responsável pelo agravamento da seca, tendo em vista que um dos mecanismos que corrobora para manutenção de uma relação semi-servil que deixa sem subsídio os homens simples do sertão.

Além de toda a análise prevista, buscamos observar, por meio do contexto sociopolítico, os motivos que instigaram os políticos do Nordeste a usarem a seca como mecanismo de interesses privados, fragilizando, por completo, a vida do nordestino. Assim, direcionamos nossa discussão espacial para o eixo Piauiense e Cariry, região da Bahia. O motivo de optarmos por entender o cenário proveitoso das políticas públicas, por meio dessas regiões, é bem simples. Primeiramente, na vastidão territorial do Nordeste, assim como na vasta área atingida pela seca, algumas regiões foram mais assoladas que outras.

Embora nossa discussão busque fazer levantamentos sobre as visões depreciativas do Nordeste como um todo, trataremos de regiões específicas para melhor explicar essa ótica, para que assim possamos enxergar os problemas da seca para além da

---

<sup>2</sup> O termo é utilizado no campo da saúde, para se referir aos problemas em escala que são gerados no indivíduo. Partindo da ligação íntima que cada problema tem com o outro. Resultando em vários problemas que se aglomeram uns com os outros.

<sup>3</sup> Termo referente aos lucros que se têm, pela política nordestina, que usa da “fragilidade” do corpo nortista para desviar verbas que seriam destinadas aos flagelos da seca.

seca. Nesse cenário, o Piauí, assim como o Cariry, foram regiões que, durante a seca de 1877, não sofreram tanto com a seca, servindo até de válvula de escape para migrantes da seca.

Maria Mafalda Baldoino de Araújo, em sua obra: *o poder e a seca de 1877-1879 no Piauí*, será referenciada para ajudarmos a postular uma base de explicações que mostram como o Piauí, nesse meio, foi importante para os retirantes da seca. Assim, tais ponderações nos ajudam a entender tanto o Nordeste quanto os agravamentos da seca produzidos pelas articulações políticas. Nesse cenário, autores como Carlos Eugênio Porto e Rui Facó nos ajudam a entender tanto o contexto formador do Piauí, que é modelo familiar em outras províncias do Nordeste, como os agravamentos da seca, que partem dessa organização social que coloca os sertanejos em uma eterna premissa semi-servil e escrava.

Por fim, a seca, fenômeno natural que gera inúmeras discussões sobre o Nordeste, marca a região por vários impasses, tais como a organização social, a pobreza iminente entre os sertanejos, a estrutura econômica, a saúde, a segurança, a escolaridade, entre outros. Contudo, buscamos mostrar, através de um debate que vai além da seca propriamente dita, em que a política, os interesses privados, e as mudanças ideológicas sobre o *corpo* social, produto do modernismo ascendente, agravam e moldam a forma de vida no Nordeste. Através destes posicionamentos negligentes perante os *flagelos*, criou-se uma visão depreciativa do Nordeste como um todo, que podemos observá-la, até os dias atuais. Mas, deixando claro que o fenômeno natural foi base decisiva da depreciação do nordestino.

Como “sabemos é a seca que chama atenção dos veículos de comunicação, especialmente dos jornais do Sul do país, para a existência do Norte e de seus *problemas*” (Durval Muniz, 2021, p. 94) Por meio da imprensa as informações percorrem um longo caminho até chegarem aos seus destinatários. É por meio da imprensa que os problemas que perturbam um grupo social, inserem-se entre os indivíduos de uma sociedade. Visto isso, não poderíamos usar de outra fonte se não a hemerográfica para buscarmos nos discursos sobre a região nordestina, presente no século XIX, as mazelas do Nordeste.

Assim, moldamos o esqueleto desse ensaio em dois capítulos. No capítulo um: *válvulas de escape para o flagelo fugido da seca*; que visa analisar como as intencionalidades políticas dificultaram a sobrevivência do *flagelo* perante a visibilidade que a seca deu à região. E o capítulo dois: *a contextualização do século XIX e sua importância para a formação imagética nordestina*; em que buscamos esclarecer o

cenário macro que o Brasil vivenciou entre os anos finais do século XIX, para explicar o micro, o Nordeste, visto como nordeste-problema.

## CAPÍTULO I

### VÁLVULAS DE ESCAPE PARA O FLAGELO FUGIDO DA SECA.

Para compreendermos como a seca se tornou a base dos problemas dos nortistas, devemos observar o caminho traçado pela região nordestina desde o seu *auge estrutural*. As problemáticas do Nordeste vão além de fatores naturais, quando analisamos o contexto econômico brasileiro, que se inicia na mudança dos anos finais do século XIX, podemos observar que a tradição colonial ainda molda a organização social e econômica Brasileira, a base escravista. Com intuito de mudar esses paradigmas é que nos deparamos com uma problemática cultural e econômica que coloca o Nordeste em *cheque*.

Rui facó (1976), em sua obra: *cangaceiros e fanáticos*, tece algumas considerações que nos ajudam a compreender as injustiças sofridas pelo povo nordestino. Oriundas das mãos latifundiárias, o avanço técnico-científico que chega ao Brasil cai nas mãos dos senhores do Nordeste, que seguram, entre o medo e a arrogância, as produções em um ritmo lento e obsoleto, o que faz com que o avanço tecnológico seja cada vez mais postergado. “O monopólio da terra e o trabalho escravo impediram, por sua vez, ou dificultaram muitíssimo o advento da tecnologia moderna” (FACÓ, 1976, p. 13).

Dado o contexto, podemos observar como as problemáticas dos nortistas estão fundadas antes dos agravamentos da seca. A estrutura social que molda a região, estimula uma política que visa extorquir os sertanejos, deixando-os em um atraso social, fato que marca várias gerações. Esta predefinição deixa uma marca na estrutura social nordestina, que direciona nossa fala para alguns impasses.

Dado às questões do monopólio da terra, a economia nordestina mergulha em um atraso produtivo, direcionando o sertanejo para uma produção semi-servil. Essa problemática é ainda maior por causa da política que se insere na região –uma política depreciativa, resultando em maiores instabilidades sociais movidas e alimentadas pela *indústria da seca*<sup>4</sup>.

São criadas políticas compensatórias, como o DNOCS e o IAA, instituições destinadas a falar em nome deste espaço e a distribuir migalhas que caem do céu do Estado indo parar nos bolsos dos grandes proprietários de terra e empresários, funcionando como incentivos a uma obsolescência tecnológica e a uma crescente falta de investimentos

---

<sup>4</sup> Termo mencionado pelo jornalista Guerra (1980) onde mostra como as políticas públicas e os interesses oligárquicos, viabilizaram na seca, uma forma de lucrar. Por meio dos sofrimentos dos flagelos, através das ajudas destinadas, a estes, desde 1877 com os *socorros públicos*.

produtivos. Isto torna o Nordeste a região que praticamente vive de esmolas institucionalizadas através de subsídios, empréstimos que não são pagos, recursos para o combate à seca que são desviados e isenções fiscais. (ALBUQUERQUE, 2021, p.100)

As discussões de Achille Mbembe, teórico político e historiador camaronês, nos permitem também associar as negligências políticas com a seca através da chamada necropolítica. Mbembe traz para nossa discussão uma interdisciplinaridade, além de associarmos os contextos históricos, com posicionamentos comuns, nas políticas atuais. Entrelaçar a narrativa da *indústria da seca* (forma de ganhar dinheiro com as consequências da estiagem) com a necropolítica, (sem querer ser anacrônico, visto que as discussões de Mbembe, partem após o século XIX) põe o *flagelado* em precariedade constante para que os regentes locais continuassem a usurpar as ajudas destinadas aos que sofriam com a seca, criando, assim, condições de vida e sobrevivência somente na aparência.

À medida que a seca assolava a região nordestina, molda-se as intencionalidades e divulgações sobre o Nordeste. Inicialmente, surge uma tentativa separatista do Norte para que as camadas mais altas da sociedade possam assegurar-se politicamente. Sobre as baixas condições de produtividade agrícola nordestina (já sentindo os efeitos das estiagens) e suas perdas de capital providas de uma mudança de consumo, pode-se perceber que, posteriormente, os povos que sofriam com os efeitos da estiagem, passam a enxergar a seca como válvula de escape para um asseguramento pessoal e financeiro.

O Nordeste, com seus arraigados remanescentes feudais e acentuada debilidade técnica, foi perdendo terreno em todos os domínios. A valorização do café atraía para o Sul a mão-de-obra disponível no Nordeste, tanto de escravos como de trabalhadores livres. Enquanto isso, era o Sul que recebia a totalidade dos imigrantes europeus que, nos fins do século, vieram modificar a fisionomia econômica e social da fazenda paulista. (FACÓ, 1976, p.14)

Partindo dos postulados, direcionamos o debate para as narrativas utilizadas pela política local, recheada de intencionalidades e exaltação da miséria como forma de assegurar verbas para a região, esta produção de sentido ajuda na produção de uma visão dual e negativa sobre o Nordeste (até então norte). Por fim, não gerando uma solidariedade para com o nordeste, de fato, mas sim, um *espetáculo* sobre os *corpos*.

Sobre o *corpo* do flagelo, Michel Foucault, 1987, nos mostra que o corpo é manipulável, moldável e aperfeiçoável. Ou seja, a construção do discurso sobre o Nordeste, o uso da seca como justificativa de um eterno atraso social, político e

econômico para a região se articula sobre o corpo, fazendo-nos crer em uma realidade manipulativa em que nada pode mudar, o que reforça ainda mais o contexto físico a medida em que cria uma justificativa para os maus tratos sofridos pelos nortistas; o que acaba dificultando a ajuda a população:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. (Foucault, 1987, p.163)

Como explica Guy Debord (1967) pensador, intelectual e escritor Marxista “A realidade, assim como a finalidade, são dissolvidas na proclamação ideológica totalitária: tudo o que ela diz é tudo o que é”, pois, o exercício de fazer os sertanejos crerem que nada pode ser feito para mudar as situações precárias que vivem, cria um corpo que ao longo dos anos vai se moldando aos traços desejados: um corpo incapaz de rebelar-se contra aquilo que o oprime. Mediante as problemáticas que podem surgir de acordo com as consequências da narrativa, assim como postula Le Goff (2003), as narrativas podem causar consequências a sociedade, seja ela física, material ou até mesmo moral, pois “o documento não é inócuo”.

Em vários discursos acredita-se que o sertão nordestino é um imenso cagaço entre matas fechadas, espinhosas, secas e incapazes de se adentrar. Os olhares que se têm sobre o Nordeste são divididos em dois; um litoral com praias deslumbrantes e um interior inóspito. Mas, ambos compartilhados e envolvidos pela *miséria, fome, seca e pobreza*. Compactuando com uma visão depreciativa que envolve ambas as discussões sobre os nortistas.

Várias são as divergências entre os estudos das problemáticas socioeconômicas, socioculturais e políticas que assolam a região nordeste do país. Muitos trabalhos, artigos, pesquisadores, por exemplo, se dispersam entre ver a seca como a vilã da vida nordestina; esta que irá subjugar e definhar os que ali vivem, partindo de justificativas tradicionais que analisam os males da região somente por um viés geográfico e natural. E outros que buscam enxergar suas causas como um problema social agravante, que tem por base

principalmente a organização política que se utiliza da fragilidade gerada pela seca para justificar o “atraso do nordestino”.

Nestes cenários, acentua-se os pontos da fragilidade econômica que os nortistas vinham enfrentando, desde os déficits econômicos sofridos pela guerra do Paraguai, a desvalorização do açúcar e a crise algodoeira. Distanciando-se quase que em definitivo o Nordeste do país do Sul. Regiões nordestinas, como o Piauí, acabam por enfrentar diversas complicações:

O Piauí, no Nordeste, região que, de agora em diante, passa a ser denominada atrasada, estagnava-se não só em decorrência da crise do Império como também em decorrência de fatores estruturais da província. A fragilidade da estrutura econômica da província piauiense é tão acentuada, ao se relacionar ao próprio contexto nordestino, que se explica em função da falta de uma infra-estrutura que desse suporte ao desenvolvimento de outros setores da economia e gerasse riqueza a ponto de tornar a província auto-suficiente e propulsora de seu crescimento interno. (ARAÚJO. 1991, p.26)

Uma análise faz-se necessária para podermos compreender como o compasso nordestino se molda diante as problemáticas que lhes são expostas. O Piauí, *filha do sol do equador*, como diria Costa e Silva, carrega em sua bagagem a contradição dos que não o veem como destino devido à ausência de melhorias (como Manaus e o surto da borracha, que gerou inúmeros migrantes) que tornam-se, nesse meio, uma válvula de escape para fugidos da seca.

No Nordeste, a população sertaneja, sentindo a falta de água, o desaparecimento dos rebanhos e a impossibilidade de preservar a economia de subsistência, inicia a migração. Essa população concentrava-se ao longo dos rios São Francisco, Parnaíba, Vale do Cariri e do litoral nordestino, em busca da sobrevivência. Entretanto, observa-se uma forte tendência de concentração em entrepostos de dispersão, onde o Piauí se tornou polo concentrador dos retirantes [...]. (ARAÚJO, 1991, p. 40)

Com suas *as águas do Parnaíba. Rio abaixo, rio arriba. Espalham pelo sertão. E levam pelas quebradas, pelas várzeas e chapadas [...]* parafraseando mais uma vez Costa e Silva, *filha do sol do equador*, com sua geografia única e singular, o Piauí, mesmo assolado por uma baixa econômica, que vêm se estendendo pelo vasto território nordestino, torna-se *polo concentrador dos retirantes*, fugidos da seca. Banhado em rios navegáveis, filho do *velho monge* estende-se por vários quilômetros de terra, um fato curioso ligado às secas. Sabendo da densidade de água e solos férteis aos leitos dos rios piauienses, por exemplo, porque existem perdas nas lavouras? Em períodos de estiagem.



Porque temos uma visão que enxerga a região piauiense, e demais regiões nordestinas, banhadas por rios, como seca e inóspita? Porque as políticas públicas não fazem nada para conter os agravamentos das secas?

Todos os questionamentos podem ser destrinchados quando analisamos, antes de tudo, a geografia nordestina. Ou melhor, quando analisamos e compreendemos a fisionomia da seca. Em 1792 a região semiárida nordestina sofreu grandes danos com inundações e estiagens que se estenderam por três anos. Políticas públicas foram criadas, ajudas foram destinadas, mas, mesmo assim, o sofrimento não foi freado.

Iniciada no Ceará, em 1791, estendeu-se ao Piauí, impondo prejuízos consideráveis a lavoura e a pecuária. Seguiram-se três anos de grandes inundações os danos não foram menos consideráveis. O Piauí foi menos flagelado que o Ceará, de onde se deslocaram grandes massas procurando refúgio em terras piauiense. O Piauí socorreu essas populações cearenses deslocadas fornecendo-lhes carne que nesse ano alcançou grande preço. (PORTO, 1974, p. 92)

Observe que as problemáticas partem de um ponto bem curioso, e até mesmo surreal para alguns. Que são as inundações que ocorrem no sertão. Este espanto resulta na falta de informações que se têm da região nordestina. Falta de informação esta que acaba gerando ou impulsionando uma visão depreciativa. Inicialmente, no sertão piauiense, por exemplo, considera-se que um ano com pouca expectativa de produção não é somente um ano seco, mas um ano que excede a quantidade de água. Quando os índices pluviométricos são menos de 500mm, em contrapartida, as regiões mais litorâneas necessitam de uma média de 800mm. No caso de um aumento excessivo, como ocorreu em 1792, as chuvas acabam sendo nocivas.

Precipitações relativamente pequenas podem condicionar a excelente prosperidade agrícola. Inversamente, aguaceiros mais densos, porém irregulares, desorganizam o ciclo de maturação das plantas que fenecem ao solo ou são destruídas por pragas que aparecem no intervalo das chuvas. (PORTO, 1974, p. 92)

Trouxemos, de início, a seca de 1792 com intuito de discutir alguns pontos, por exemplo: seria lógico deduzir que a ocorrência de secas árdas em períodos anteriores, poderia se repetir novamente. Como as próprias secas de 1711 e 1723, que antecedem a de 1792. E as que antecedem a grande seca de 1877, como a de 1860. Porém, os sertanejos, vaqueiros livres, boiadeiros, pequenos comerciantes, trabalhadores livres, enfim, todo o sistema produtivo e vivente do Nordeste sofre pelos mesmos danos que já havia sofrido.

É na segunda metade do século XIX que o monopólio da terra, o encarceramento do homem nordestino ao cercamento da hinterlândia, deixa-o à mercê da ignorância dos *senhores* e isolado do mundo. Os caprichos dos grandes latifundiários, que resistem ao incremento da tecnologia moderna, limita o desenvolvimento da região e mantém a produção e o manejo da terra em um estado semi-servil. O que resulta em uma evasão econômica.

No Nordeste, a situação agravou-se quando, na segunda metade do século XIX, o centro da gravidade econômica se foi transferindo gradativamente para o Sul, mais desenvolvido do ponto de vista capitalista [...] A evolução do Nordeste, nessa época, caracterizava-se por sua extrema lentidão, própria de uma sociedade em estágio econômico seminatural, com uma divisão de classes sumária: o senhor de grandes extensões de terras e o homem sem terra, o semi-servo. (FACÓ, 1976, p. 14)

Diante disso, observamos que os tradicionalismos socioeconômicos implicam no atraso de todos os meios de produção na região nordestina. Com o medo de perder os poderes que o monopólio da terra lhes havia dado, os grandes latifundiários necessitaram de algumas articulações políticas para manterem estes privilégios. E é justamente nessa perspectiva que damos alguns posicionamentos sobre o porquê de não se moverem diante das secas que notoriamente chegariam.

A seca de 1877-79, a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa e a atingir setores médios dos proprietários de terra, trouxe um volume considerável de recursos para as “vítimas do flagelo” e fez com que as bancadas “nortistas” no Parlamento descobrissem a poderosa arma que tinham nas mãos, para reclamar tratamento igual ao dado ao “Sul”. A seca torna-se a partir daí o problema de todas as províncias e, depois, dos Estados do Norte. (ALBUQUERQUE, 2021, p. 94)

Visto isso, observamos que as intencionalidades políticas se tornam um fator agravante, problemático e doentio, tendo em vista que, acima de qualquer ajuda humanitária, encontrava-se o lucro em primeiro plano. Nessa premissa, entendemos que a indústria da seca se torna o principal articulador da política nordestina. Com o imenso problema que as secas vêm gerando para a vida do homem simples do campo, ajudas foram destinadas, como é o caso: *socorros públicos* os DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) que foram meios compensatórios que a região sul do país utilizou para dar uma condição de sobrevivência para os flagelados. O próprio território piauiense, que foi palco de grandes contingentes em massa, vindos de várias regiões, mais comum do Ceará.

O deputado Coelho Rodrigues, representante da província do Piauí no ano de 1877, fala sobre os custos e créditos que a província do Piauí deveria receber, mediante os problemas que se multiplicavam. Primeiro a evasão do gado vacum, principal gado da região, que entra em queda de produção por conta das contagens baixas de chuvas, que resultam em menos pastos e menos gado. Em segundo lugar, temos o aumento contínuo da população, e até mesmo de cidades menos propícias a esse acontecimento, como é o caso de Oeiras, que já entrara em decadência desde a mudança da capital para Teresina:

A população de Oeiras, em 1831, era de 4.692 habitantes; em 1854, 8.644; em 1869, 9.904; em 1890, 19.589 e em 1900, 24.567. Observase que, de 1869 a 1890, a população duplicou, o que pode ser explicado, também, pela afluência de imigrantes cearenses [...] (ARAÚJO, 1991, p.39)

Assim, faz-se necessário o recebimento de ajudas do governo. Porém, o Piauí remanesceu aos caprichos da oligarquia, opõe-se aos primeiros socorros que foram destinados à região, o que nos faz pensar mais uma vez que o interesse monetário seria, nessa perspectiva, o primeiro contexto a ser atendido.

É por meio desses posicionamentos políticos, e das matérias que chegam ao sul, que as concepções distorcidas criam vozes. Jornais como o *besouro* e o *cearense* trazem uma série de informações que repercutem pensamentos sobre o sertão. O *cearense* por sua vez, apresenta informações dos meses iniciais da grande seca, expondo as localidades próximas a província do Ceará, onde os agravamentos da seca já eram notórios; porém, em algumas colunas de publicação *liberal*, aponta algumas regiões do Nordeste que não tinham sido afetadas pela seca, como o Cariry, reconhecido como oásis do sertão.

Ainda de forma prematura, sobre as *possibilidades de ganhos* com a seca, os senhores de terras intensificaram os pedidos de socorros públicos, não com o intuito de zelar pelo seu povo e suas raízes, mas, mergulhados em seus próprios interesses, visavam apenas o lucro e a manutenção de suas terras, o que parecia se chocar com os interesses dos migrantes da seca, que, ao saber da possibilidade de encontrar alento na região do Cariry, partiam em caravanas para esse lugar, o que parece incomodar os grandes proprietários de terras e políticos.

Secca. –A Barbalha tambem lueta com os horrores da secca. Eis o que d’ali nos escrevem: “preocupa actualemnte a atenção publica a falta de gêneros alimentícios. O inverno tem desaparecido e a colheita está toda perdida! Todos os dias chegão dos sertões visinhos famílias pobres cobertas de andrajos e famintas, pedindo um pouco de alimento para saciarem a fome que os acabrunha!!!E’ lamentável por certo a quadra que atravessamos. Seria preciso que o governo compenetrasse-se de seu

dever e tratasse de enviar algum socorro! Dir-se-ha que não ha generos no paiz e nem possibilidade de os remeter, atenta a falta de pastagem das estradas para alimento dos animais de cargas, não tendo o governo neste caso o que fazer. Assim parece mas não penso deste modo. O Cariry não se acha neste caso. Com a aguade que dispõe para a irrigação, com auberdade do seu solo, bem conhecido, pode, com o espaço de 6 a 10 meses, offerecer a seos habitantes mandioca, milho, feijão, batatas etc. (...) Não se pode descrever ao vivo o clamor, a desordem que vae por entre todos sem distincção, pois todos se acham ameaçados. (...) A população desvalida já ameaça assaltar os que estão em melhores condições. (grifos nossos). (O Cearense, 1877, edição 00035, p. 3)

O Cariry sendo uma região serrana do estreito cearense, fazia fronteira com Pernambuco, Parnaíba e Piauí, em suma eram vários trabalhadores que se deslocavam para a cidade em busca de sobrevivência. Os *flagelos* buscavam as grandes fazendas com intuito de trocar a força de trabalho por alimentos e estadia, outros invadiam as fazendas abandonadas para realizar a agricultura de subsistência. Dessa forma, esses movimentos começaram a ser vistos como atos de vandalismo e balbúrdia; tudo isso em meio a um processo de modernidade que almejava a população elitista do Ceará, especificamente, fortaleza.

Nos contextos mais agravantes o governo destinava boa parte, senão todo o foco da atenção dos socorros públicos, para o Ceará, pois a sua importância econômica para a nação era de maior peso. Os desejos dos dirigentes piauienses, em “lutar” por recursos para os flagelos, podem até se camuflar entre os olhares menos críticos, mas dois fatos trazem detalhes das intenções por trás das “lutas” pela ajuda pública. O primeiro fato se encontra no discurso de Coelho Rodrigues, quando este diz:

É ineficaz porque é muito transitório nos seus efeitos, sendo como é destinado simples e unicamente a minorar os efeitos da fome: isto é conceder socorros alimentícios aos indigentes quando me parece que deve-se providenciar... alguma coisa mais do que se acha contido nos ideias do projeto. (ARAÚJO, 1991, p. 72 apud SOUZA, s.d, p. 20)

Nessa iniciativa, um dos primeiros problemas que poderiam ser solucionados para ajudar a população não foram solucionados de imediato. – Poderiam receber as ajudas bases, depois buscar ajudas em custos financeiros; como a população como um todo necessitava, assim diziam. Até mesmo para compra de roupas, víveres e remédios. Porém os interesses financeiros sempre estiveram em primeira voz. No que segue ao segundo ponto, fica ainda mais notório entender as negligências perante o flagelo e o exercício da indústria da seca; é dessa forma que a ajuda ficou à mercê dos interesses oligárquicos;

Nesse município percebe-se, de modo geral, a falta e critérios na seleção dos contratos, desconsiderando-se totalmente a concorrência pública para a prestação de serviços, podendo, assim, favorecer amigos e parentes próximos. Tal favoritismo a uma clientela era comum acontecer, uma vez que a própria estrutura do Brasil Imperial estava montada no mandonismo local, no “coronelismo” (IMPrensa, 1877, p.2)<sup>5</sup>

Até o momento salientamos algumas falas importantes, para compreendermos as intencionalidades políticas vigentes no Nordeste. No Piauí, articulou-se, perante os agravamentos da seca, maneiras de lucrar com os problemas climáticos que as regiões semiáridas nordestinas sempre enfrentavam. Dado isso, observamos possíveis justificativas sobre os processos de sindemia que as secas nordestinas causam em seu aglomerado.

Sindemico, pois não é somente a seca que causa perturbações na vida do sertanejo, mas sim as problemáticas que se agravam perante ela, como a falta de políticas compromissadas com os flagelos. Processo esse que gera uma reação em cadeia em que a estiagem, a baixa produtividade agrícola, a má administração política e as doenças (como a varíola, comum nesses períodos de 1877-79), misturam-se e formam numerosos problemas para a população, ou seja, uma sindemia: uma reação em cadeia de vários e vários problemas são instigados por um que não foi solucionado.

## 1.1 FISIONOMIA DA SECA

Antes de tudo deve-se saber que a seca também molha! Confuso? Talvez um pouco metafórico. Todavia, a questão inicial parte do desentendimento da maioria das pessoas sobre o que realmente é o fenômeno da seca. Grandes períodos de estiagem não implicam dizer que não chove. Nas épocas de secas no Nordeste, há registros de chuvas. Contudo, o problema se contabiliza no baixo índice pluviométrico de água, na maioria delas.

Muitas controvérsias têm surgido em torno da dramática fenomenologia das secas. Verdadeiramente o problema tem que ser encarado sob o duplo aspecto de escassez e da irregularidade das chuvas. Observações bem conduzidas esclarecem que não faltaram as chuvas nas grandes secas que devastaram os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, justamente os mais atingidos. Ao contrário, a falta de chuvas foi muito mais acentuada na Bahia, sendo, entretanto, os seus efeitos menos deprimentes. (PORTO, 1974, p.91)

---

<sup>5</sup> Correspondência do jornal “a Imprensa” em 31.07.1877, p.2.

Mediante estes pontos, deslumbra-se uma visão que deve atentar-se aos empecilhos que a seca causa, não por si só, mas conglomerados aos interesses da estrutura formadora do Nordeste *onde se transplantavam [...] o imperialismo que vingava em Portugal, com toda a sua fisionomia monopolizadora, absolutista, conforme era vigente na Europa*.<sup>6</sup> Especificamente, o Piauí, que será o nosso recorte espacial, dentro do debate sobre o Nordeste, aqui mencionado. Mostraremos como as estruturas organizacionais, políticas e econômicas, herdadas, interpõe um avanço produtivo para a região:

UMA SÉRIE DE CRISES — DE ORDEM econômica, ideológica, de autoridade — expressas em rebeliões espalhadas em vastas áreas do interior do Brasil, abrangendo muitos milhares de habitantes do campo, é a característica principal do período de transição que compreende o último quartel do século XIX e o primeiro deste século em nosso País. (FACÓ, 1976, p. 12)

*A seca terrível que tudo devora, ai lhe bota pra fora da terra natal* (Assaré, 1964)<sup>7</sup>. Fugir da realidade sofrida, como prosa Patativa de Assaré, é só uma das inúmeras falas que trazem consigo a amargura do povo nordestino, que *apela pra março que é o mês preferido, do santo querido senhor São José* (Assaré, 1964) com intuito de amenizar os sofrimentos. É notório analisar como as representações literárias, poéticas e narrativas trazem uma perspectiva de um nordeste similar em suas escritas. Um povo abalado pela seca que migra em busca de melhoria ou se apega à fé para sair da situação *miserável* que o clima *seco e quente* redesenhou em sua realidade. Fanáticos<sup>8</sup> como postula Rui Facó; questionamentos como o do economista norte americano Albert Hirschman nos fazem pensar: por que “grandes massas humanas hajam por bem viver numa área onde sabem que se expõem a completa perda dos seus meios de subsistência, “por várias vezes, no transcurso do seu termo de vida” (DUARTE, 2001 apud HIRSCHMAN, 1965), é nesse sentido que vemos que as dúvidas e interpretações sobre o Nordeste não são somente várias, como intrigantes. Porém, como já mencionado, buscamos levar a discussão para um ponto que vai além do discurso superficial que analisa a situação nordestina por meio do clima.

Perante esses pontos, entramos nos discursos que tendem a fazer crer que, por conta das secas frequentes, nada poderia se fazer perante elas. Mas será que não existe nenhuma possibilidade sequer de interpor meios, para frear os efeitos das estiagens? É

---

<sup>6</sup> PORTO, Carlos Eugenio, 1974.

<sup>7</sup> Música do musicista Patativa do Assaré.

<sup>8</sup> Curta referência a obra: Cangaceiros e Fanáticos (1976) de Rui Facó.

nessa concepção que José de Araújo Costa, professor de geografia do IFAL, nos faz analisar, por meio de seu artigo: O fenômeno El Niño e as secas no nordeste do Brasil, 2012, a fisionomia da seca. Através desse estudo, podemos pensar, por um olhar mais crítico, se realmente não se pode fazer nada com as complicações climáticas do Nordeste.

A Índia, nordeste da China, sul da África e mediterrâneo, também foram atingidos pela seca de 77, porém, é no Brasil onde têm-se maiores indícios das problemáticas desse período. Pesquisadores, assim como Costa, relatam que o fenômeno desse período decorre de alguns fatores agravantes, que, infelizmente, coincidiram. São estes: um dos piores El Niño mencionados, redução de temperatura no oceano Pacífico tropical, uma oscilação de temperaturas do oceano Índico e o aquecimento das águas do Atlântico Norte.

Os efeitos mais notáveis registrados durante as ocorrências do fenômeno atingem as mais diversas porções do planeta; alguns dos quais estão relacionados a seguir: 1 alteração da vida marinha na costa oeste dos EUA e do Canadá e no litoral do Peru; 2 o aumento de chuvas no sul da América do Sul e sudeste dos EUA; 3 secas no Nordeste brasileiro, centro da África, Sudeste Asiático e América Central e tempestades tropicais no centro do Pacífico. (COSTA, 2012, p. 76)

Dada as ajudas destinadas à seca, como já mencionado, não dá para associar única e exclusivamente as mazelas que ocorreram nesse período somente pela variação climática que devastou o Nordeste. Costa irá nos mostrar que a catalogação do El Niño, fator responsável pela variação climática que atinge o Nordeste, pode ser registrado desde o Império. Através destes posicionamentos, podemos entender que as alterações climáticas que se estendem no trópico, e águas do Pacífico Equatorial, não são uma problemática desconhecida.

Os eventos de El Niño e La Niña têm uma tendência a alternar-se a cada 3,2 anos. Porém, de um evento ao seguinte, o intervalo pode variar de 1 a 10 anos. A intensidade dos eventos varia bastante de caso a caso. O El Niño mais intenso, segundo as medições da ATSM, ocorreu em 1982-83 e em 1997-98. Algumas vezes, os eventos El Niño e La Niña são intercalados por condições normais. (COSTA, 2012, p. 73)

O El Niño pode alternar-se a cada 3 ou 2 anos, ocorrendo em intervalos de 7 a 10 anos, entre um fenômeno e outro, é possível prever os próximos fenômenos. Mas o fenômeno acaba por se inserir em um quadro político que, desde as últimas décadas, propicia um cenário em que as administrações nortistas viram nas ajudas, destinadas aos sofridos da seca, formas de lucrar em cima dos corpos, desviando verbas e tirando proveito político da situação.

Por fim, é nos arraigados simplórios das matas nordestinas que observamos a força dos homens simples, em busca de melhoria de vida. Mas infelizmente, estes, subjugados aos caprichos das forças latifundiárias, tendem a sofrer ainda mais. Não somente pelas problemáticas da seca, mas por toda atmosfera que ela pode promover através das intencionalidades dos *senhores*.

## **CAPÍTULO II**

### **A CONTEXTUALIZAÇÃO DO SÉCULO XIX E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO IMAGÉTICA NORDESTINA.**

1877 a 1879, e o que vem antes? Antes de qualquer explicação direta e exposição de fontes, o início deve ser explicado pelo o início. Parece lógico, mas, em suma, somos apresentados a textos e falas que não contextualizam o começo, ou seja, somos mergulhados em uma densidade de explicações sobre o tema sem sequer saber sobre os acontecimentos que instigam tais períodos.

Previamente, é importante que possamos compreender o contexto que o Brasil inseria no século XIX, para chegarmos em alguns levantamentos em nossa fala. Por exemplo, já foi explicado aqui que o cenário nordestino sofreu inúmeras formas de depreciação com a exposição da seca e seus agravamentos. Mas por que essa visão foi construída e pior, por quem? Caso haja alguém ou algo. Tal resposta talvez se encontre na contextualização histórica do século XIX e no início da onda de modernidade que chegava ao Brasil.

Cronologicamente os anos de 1922 é situado de forma didática e pedagógica para a explicação do movimento modernista no Brasil, uma busca por uma identidade nacional, o incremento da tecnologia na vida das pessoas, uma valorização da arte que busca no íterim *européu* uma construção do que é ser brasileiro. Mas, de todo modo, sabemos que ao longo dos acontecimentos históricos não se tem uma ruptura entre um período e outro, assim compreendemos que existe uma série de linhas contínuas de acontecimentos que favorecem ou instigam um acontecimento posterior na cronologia da história humana. O período modernista no Brasil pode até ser marcado com Oswald de Andrade e Tharcília do Amaral, mas, as aspirações do moderno que eram vivenciadas em alguns países da Europa antes do século XX eram postuladas através de uma ideia de aproximar o cenário brasileiro, assim como o europeu, da modernidade. Os anos de 1871



marcam o início de uma época brasileira na qual as primeiras faíscas do modernismo começam a ser inseridas na sociedade a reflexo da *belle époque*.

Com o fim da guerra franco-prussiana, os países começam a entrar em uma onda de estabilidade política, econômica e cultural. O Brasil, assim, molda-se nos campos modernos no final do século XIX, principalmente com o fim de uma dependência política e cultural de Portugal. Algumas mudanças inserem-se na busca por uma modernização e urbanização típicas do crescimento da região sul, que são somadas ao fim da escravidão e a implementação de incrementos tecnológicos, o que propicia um aumento na escala de produção que não é seguido, até certo ponto, pelo nordeste brasileiro.

Talvez essa síntese não aparente inicialmente uma ligação direta com a depreciação nordestina, mas, quando ligamos os pontos, tudo torna-se mais fácil de se compreender. O Brasil começa a buscar os anseios da urbanização (modernização), uma valorização pelo belo, uma arte de civilizar-se que era vislumbrada aos moldes da França, que é um exemplo para o Brasil, principalmente no que tange ao projeto de revitalização no início do século XX em São Paulo. Mas, centrando-se no século XIX, principalmente em sua segunda metade, São Paulo foi uma das cidades da elite cafeísta no Brasil<sup>9</sup> que mais instigou um modernismo, o que é devido, de forma geral, a gigantesca elite produtora que ali se concentrava.

Sendo assim, temos dois clímax que colocam em cheque a vivência do homem do campo, o primeiro é direcionado às problemáticas decorrentes da natureza hostil a qual estão habituados, o que podemos ver por meio do cenário econômico: quando o consumo do café começa a entrar em decadência e aspira-se na cidade uma modernidade técnica, para os meios de produção, levanta-se, assim, uma decadência da cultura rural, conseguinte às forças tradicionais do trabalho, o que apaga uma visão do homem do campo, lavrador ou pastor, focando na mão de obra manufatureira. Outro cenário está associado às mudanças culturais da concepção do desenvolvimento urbano, que será explanado mais à frente.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Assim, paralelamente à formação de um mercado regional em São Paulo (tendo o café como base), desenvolveram-se mercados no Nordeste (tendo o açúcar como base) e no Sul (tendo a pecuária para abastecimento nacional como base). (Oliveira, 2010, p.58)

<sup>10</sup> Além das fotorepresentações e ilustrações do que mostrariam o auge da civilização moderna; que representavam a exuberância da natureza bela, com seus rios e cachoeiras, um cenário harmônico com a presença do homem e a chegada do desenvolvimento. Esse contexto em específico marca uma representação do sertão por meio de fontes em jornais da época, instigando os primeiros imaginários sobre o Nordeste.

As elites locais especificamente da cosmopolita<sup>11</sup> que formava o Rio de Janeiro e a do café, fortemente presente em São Paulo, conduziam os pensamentos que logicamente seriam espalhados e absorvidos pelos demais. O moderno se aspirava no processo de modernização dos espaços urbanos, aos meios técnicos de produção, as lojas extravagantes, as vestes, os gostos paladares, etc. Tudo aquilo que aparentava europeu. Queiroz, por exemplo, postulava que o modo de vida burguês vem bem antes da industrialização brasileira. De tal forma esse novo modo de vida direcionava a população a uma nova fase do existencialismo cultural, tornando a vida das pessoas as quais viviam nas cidades mais ricas, não somente diferentes pelas forças econômicas aprimoradas pelo meio técnico de produção, como também por toda essa construção *erudita* do destaque e modelo social.

Para entendermos o pensamento que norteava as elites do Brasil no século XIX, trouxemos uma citação apresentada por Ruben George Oliven, 2010, que irá conduzir, a partir de então, nossa discussão a fim de fazer uma analogia entre as fagulhas de modernismos e as consequências e negligências para com as demais regiões do Brasil. No nosso caso o Nordeste;

Mary Graham, uma senhora inglesa que viveu em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823, notou a atmosfera mais sofisticada da capital ao afirmar que “As moças portuguesas e brasileiras são de aspecto decididamente superior às da Bahia: parecem de classe superior. Talvez a permanência da corte aqui por tantos anos as tenha polido”. E ela chegou à conclusão que “A cidade do Rio é uma cidade mais européia do que Bahia ou Pernambuco”. “Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável aos nossos olhos europeus”.<sup>12</sup>

Dessa forma, nessa citação fica notório que os pensamentos eurocêntricos conduziram as visões sobre a conduta que deveria seguir a população do Brasil para ser civilizado/educado. Assim, todo esse aquecimento em nossa explicação se encaixa perfeitamente para centrá-los no cenário sociopolítico e sociocultural que vivenciava o século XIX.

Compreendemos que todos os acontecimentos que remetem a seca no Nordeste, as negligências políticas, o uso dos DOCS de forma corrupta, a indústria da seca, as

---

<sup>11</sup> Termo utilizado pela presença da família real no Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Graham, Maria. Diário de uma Viagem ao Brasil e de Uma Estada nesse País Durante Parte dos Anos 1821, 1822 e 1823. São Paulo, Editora Nacional, 1956, p. 183, 187 e 188. Publicado pela primeira vez em 1824.

resistências dos latifundiários, serviram para o advento tecnológico manter o uso da mão de obra escrava ou semi-servil, com medo de perder mão de obra para o sul, como postulava Facó. O que deixa explícito que, as mudanças significativas que ocorrem por meio das fagulhas do modernismo moldam a existência nordestina, deixando de lado toda a sua população para atender aos caprichos da elite nordestina, que mantém um estado seminatural em uma realidade que se moldava contra o tradicionalismo rural, limitando o desenvolvimento econômico e social do Nordeste.

No Nordeste, a situação agravou-se quando, na segunda metade do século XIX, o centro da gravidade econômica se foi transferindo gradativamente para o Sul, mais desenvolvido do ponto de vista capitalista [...] A evolução do Nordeste, nessa época, caracterizava-se por sua extrema lentidão, própria de uma sociedade em estágio econômico seminatural, com uma divisão de classes sumária: o senhor de grandes extensões de terras e o homem sem-terra, o semi-servo. (FACÓ, 1976, p. 14)

Toda a conduta da elite brasileira direcionava os olhares para uma vida social que era bela, aspirante ao desenvolvimento urbano. Dessa forma, compreende-se que as complicações que os anos de 1877-79 trouxeram para o nordeste não seriam o foco da atenção política.

E se, dentre os nossos amigos do Brasil, houver alguns que, apoiados nos progressos e transformações que se operam na vida social do Rio de Janeiro, ponham em dúvida a exatidão de minhas asserções, tenho uma resposta bem simples para dar-lhes: é que não conhecem as condições sociais das pequenas cidades do norte e do interior. (...) todos os que conheceram o Rio de Janeiro de há quarenta anos atrás, são acordes em proclamar as notáveis melhoras que se deram nos costumes sociais. (LUIZ; CARY apud OLIVEN, 2010, p.56)

As problemáticas vivenciadas pela população nordestina, por conta da grande seca, já é estudada não somente por conta de fatores climáticos. Embora o conjunto climático seja um grande peso, as políticas públicas e as governanças locais foram, sem sombra de dúvida, o segmento de causas e ressonâncias mais perturbadoras que crianças, adolescentes, adultos e velhos enfrentam.

## 1.2 “A BELA E A FERA”

No final do século XIX e início do XX a representação brasileira era única e direcional. Mostrar o quanto a sociedade era similar aos traços europeus e suas grandes construções rebuscadas, focando em uma aspiração de um grande *Brasil republicano* que

deixava de lado suas peculiaridades e *brasis* que se encontravam no interior de suas províncias. Representando o belo, os traços do desenvolvimento urbano, a sociedade esquecida, por assim dizer, seria o Nordeste. Não se tinha representações do sertão, ao máximo, representações das cidades que aspiravam um senso de civilização e desenvolvimento urbano, como fortaleza.

As matas fechadas da região nordestina geram um quadro de concepções negativas para o cenário moderno que se inseria. Dessa forma, quanto mais as ruas, as lojas, as construções se assemelhavam aos traços europeus, mais *civilizados* eram, criando os ares de superioridade e aceitação. Nessa ótica, o pensamento que norteava o ego do cidadão brasileiro no final do século XIX era somente um: Se sou cidadão de uma província como São Paulo e Rio de Janeiro, pertencente ao seio do desenvolvimentourbanista, logicamente sou *erudito*, superior. Em contrapartida, essa visão limita o sertão nordestino, que fica às margens do pensamento moderno, ou seja, os *bárbaros não civilizados*.

Desde o segundo reinado, tinha-se no Brasil uma visão de civilização brasileira que focava não somente no contexto urbano, como também na questão racial. Sendo o Nordeste a região mais constituída pela mestiçagem, os focos deviam-se, nesse cenário, para outros direcionamentos, instigando, assim, um pensamento pejorativo sobre os nortistas.

No século XIX, tanto durante o segundo reinado quanto na primeira república, algumas preocupações frequentavam a fala oficial, demonstrando grande preocupação em transformar o Brasil numa nação civilizada, sendo que, para isso, um dos pontos colocados em questão era o da formação racial do povo brasileiro. Nessa perspectiva, as imagens do sertão estariam na contramão do processo civilizatório, não só por estarem mais distantes do modo de vida europeu, mas também por ter, na região, uma população fortemente mestiça. (ALMEIDA; AFONSO, 2015, p.29)

Os anos de 1877-79 rompem com as representações ditas *civilizadas* sobre a totalidade brasileira. Por meio de fontes jornalísticas e o uso de imagens sobre as calamidades sofridas pelos sertanejos, o Nordeste começa a ser inserido no meio *erudito* da *pior* forma, apresentando suas dores, suas amarguras e feridas oriundas da seca.

Os pensamentos sobre a região nordestina já eram deixados de lado, contudo, a seca de 1877-79 traz uma visibilidade tão caótica que marca uma definição geográfica entre norte e nordeste. As durezas e mazelas sofridas pelos sertanejos, representadas pelos jornais como a *gazeta de notícias* (RJ), não tinham por intuito diminuir a sociedade

nordestina. Todavia, em torno do cenário que já se inseria a população brasileira no final do século XIX, é que compreendemos como se molda uma subjugação do sertão. A grande e impactante exposição dos *flagelos* da seca no cenário modernista que o Brasil buscava inserir-se era um problema notório, dado isso, é fácil observar que as tensões nunca foram direcionais as problemáticas da estiagem, o que facilita uma usurpação política por parte dos dirigentes das próprias províncias do Norte/nordeste.

Também na Bahia o impacto teria sido grande, como sugere a troca de mensagens entre o Presidente da Província da Bahia e o vigário da Vila de Alcobaça, sobre o envio de uma quantia de 160\$280 (Cento e sessenta mil, duzentos e oitenta contos de réis)<sup>3</sup>, encaminhada à vila como auxílio às vítimas flageladas pela seca das províncias do Norte. A intensidade dos danos causados pela seca de 1877, porém, constitui-se em tema controverso. Em seu *Abastecimento: crise, motins e rebeliões*, escrito basicamente a partir das fontes da época, como, os telegramas do presidente da província e relatos, o pesquisador e memorialista Pinto de Aguiar (1985), questiona as razões do curioso silêncio dos jornais baianos do período sobre a problemática da seca na Bahia. A importância da obra de Aguiar reside na discussão sobre a relação entre política, seca e representações, uma vez que, em razão da disputa política que ocupava os jornais nos primeiros meses de 1878, a calamidade que assolava o nordeste perderia deliberadamente, visibilidade. (ALMEIDA; AFONSO, 2015, p.32)

Rui facó, um dos jornalistas e ativistas do século XX, evidencia, em sua escrita mais icônica sobre os paradigmas presentes a ótica do sertão nordestino, alguns posicionamentos presentes no seio da formação brasileira, principalmente no que se refere ao Nordeste. Embora sua escrita seja direcionada a um recorte posterior, ele nos deixa em sua obra: *cangaceiros e fanáticos*, algumas pontas que se ligam diretamente a nossa discussão proposta, em que: os caprichos e traços da política estruturalista do Nordeste moldam as concepções sobre as causas latentes dos problemas dos homens do campo.

Do trabalho escravo ainda hoje restam marcas evidentes em nossas relações de produção' no campo. É o trabalho semi-servil em vastas áreas do interior, particularmente no Nordeste. O monopólio da terra e o trabalho escravo impediram, por sua vez, ou dificultaram muitíssimo o advento da tecnologia moderna. Só nos últimos vinte anos vêm-se efetuando mudanças, com a mecanização da agricultura em escala razoável, mas ainda assim acompanhando a linha defeituosa do desenvolvimento desequilibrado de nossa economia: um Sul capitalista e um Norte mergulhado no atraso semifeudal. (FACÓ, 1976, p.13)

Nessa premissa, nota-se que as problemáticas do Nordeste irão se agravar por meio de dois fatores: a seca<sup>13</sup> e a política<sup>14</sup>. Sendo o fator político o principal responsável por debilitar ainda mais o sertão nordestino em uma onda sindêmica<sup>15</sup>. No que diz respeito aos problemas oriundos da seca, temos: o retirante que é produto da estiagem, a brusca mudança cultural, estética e ética que se buscava inserir no Brasil (apagando a imagem do homem do campo) e, por fim, a mídia que dava visibilidade a estes *corpos*, que se tornaram notícia em todo cenário nacional, moldando uma nova concepção do que seria o *belo* e civilizado, fato que resultou hoje no que conhecemos como os estereótipos nordestinos.

Na Europa, desde o século XVI, as imagens, em formas de gravuras ou desenhos, circulam nos impressos. Já no Brasil, mesmo com a imprensa régia datada de 1808, somente com o processo de independência foi possível flexibilizar as produções jornalísticas. A partir deste momento começa a notar-se uma presença de imagens em suas colunas. É nesse instante que notamos também uma ruptura da antiga xilogravura, que dá espaço para a litografia e fotografias (quando chega ao Brasil em média de 30 anos após o período de 1808), esse novo conjunto de imagens dava margem para a exposição em livros e revista, os mais comuns, para a formação do que era relevante socialmente e atrativo. Lembrando que estamos falando do contexto cronológico do final do século XIX e da visão cosmopolita que se tinha à época, assim, o que seria socialmente importante ligava-se aos contextos da busca pelo moderno.

Ao que tange os conceitos estereotipados que buscamos analisar, podemos destacar que nos anos de 1880 o Brasil já apresentava uma densidade de produções ilustrativas em manuais e livros; como os de geografia e história, tal produção, por exemplo, segundo Almeida e Afonso, 2015, mostra que, em Portugal, somente em 1920 teríamos essa produção técnica em seus manuais:

Acompanhando as mudanças trazidas pela imprensa periódica, os manuais brasileiros se utilizavam cada vez mais da imagem como recurso didático; uma mudança como essa, só aconteceria nos manuais

---

<sup>13</sup> A seca logicamente “foge” de um controle político, como muitos apontavam, embora saibamos que a meio a tantos períodos de estiagem estratégias governamentais implicariam no mantimento do sertanejo em sua região, não causando ressonâncias a forma de vida do nortista ou *retirante* (produto caótico da seca e má governabilidade).

<sup>14</sup> Motivados pelos interesses particulares viram na seca e na imagem do *retirante ou flagelo*, uma possibilidade de lucrar diante um cenário de mazelas, fome e instabilidade. Fator que se popularizou como “indústria da seca”.

<sup>15</sup> Onde os problemas não resolvidos misturam-se nos novos desafios a serem enfrentados, gerando a famosa *bola de neve*.

portugueses, por exemplo, a partir dos anos de 1920. No caso dos manuais escolares de História, estes permaneceriam tal e qual os manuais portugueses, com a presença ainda tímida de imagens, praticamente restritas às efígies dos reis e heróis-da-pátria. (p.20)

Dessa forma é notório que a população brasileira cresceria a moldes de uma perspectiva que tinha o sertão nordestino como ponto de declínio do Brasil. Assim, todas as suas raízes seriam vistas com olhares intolerantes. Gilberto Freyre, em 1933, com a obra *casa grande e senzala*, é um dos primeiros pensadores do século XX que se preocuparam em dar uma outra visão interpretativa sobre a formação social brasileira por meio da mestiçagem. Embora Freyre mostra ao leitor uma romantização da mistura das *três raças*, observamos nele uma reconstrução do social que traz ressignificações ao contexto nordestino, pois: a mistura dos africanos escravizados, dos povos nativos e europeus, pautou-se em uma demarcação pouco *conhecida* do Brasil, o Nordeste, assim compreendemos que Freyre nos mostra que não existe formação social, política e econômica que fuja da origem nordestina.

Por meio da fragilidade identitária que se vivenciava o Brasil, no século XX, Freyre irá conduzir as mentes a pensar na importância da miscigenação para a formação social brasileira, analisando uma complexidade regionalista. O nordeste do Brasil alimenta a base sociocultural de nossa origem, deixá-lo à mercê do esquecimento é uma maneira retrógrada de retratar a nossa formação, contudo, a construção do imaginário nordestino é fruto desse pensamento. A seca de 1877-79 e as divulgações das mazelas sofridas pela população assolada pela estiagem dentro de um contexto que via o sertão como atrasado e ultrapassado deve ser vista como um dos principais problemas. Segundo dados da BBC News Brasil, 04 de julho de 2021, a grande seca, assim conhecida, chegou a deixar mais de 500 mil mortos, a diáspora nordestina foi vista com tamanha comoção a primeira vez nos respectivos anos de 1877-79, devido, principalmente, aos enormes números de retirantes, entre *pele e osso*, buscando uma melhoria para as suas condições.

Abarcados por um contexto sociopolítico que buscava uma ruptura entre o *velho* e o *novo*, o sertanejo se viu entre caprichos políticos, negligências e fome, uma instabilidade existencial, possivelmente instigando em seus pensamentos uma aceitação, perante a situação. Talvez, seja essa uma explicação para que hoje, ao se referir ao nordeste, as falas de preconceito sejam notórias e pouco refutadas pela própria população nordestina.

### 1.3 VISIBILIDADES E INTENCIONALIDADES

A guerra do Paraguai seria a primeira notícia ilustrada nos jornais da época, entre 1866 a 1870, as imagens dos campos de batalha ganharam espaços no imaginário coletivo ao verem as representações por meio das fotografias. Em 1877, as densidades populacionais de migrantes, chegando às léguas, chamam a atenção dos redatores das capitais, tanto do Nordeste como dos do Rio de Janeiro. Dessa forma, os agravamentos da seca de 77-79, proporcionaram a criação de um olhar marginalizado sobre os migrantes. Por meio da imagem, as calamidades sobre a região nordestina ganharam repercussão em todo o cenário nacional.

A grande seca de 1877-79 não foi a primeira sofrida pelo Nordeste, mas foi a primeira a ganhar tamanha notoriedade por meio dos mecanismos técnicos que se inseriram no Brasil no cenário oitocentista, remodelando as produções midiáticas da época. Dessa forma, a visibilidade dada ao nordeste diante das problemáticas enfrentadas pela seca e os pedidos de ajuda governamental, todos centrados em um contexto *elitista* em que se via o sertão como atraso e retrocesso, passa uma imagem depreciativa do Nordeste que abre espaço para a classe senhorial usar a mão de obra de migrantes nas construções de obras públicas. O que seria, em teoria, uma alternativa para a situação agravante do sertão. Assim, os senhores enxergaram na seca uma forma de trazer “melhorias” para a região e uma maneira de manter a estrutura semi-servil decorrente da formação sociocultural da região.

Notamos que a visão de passividade fugia da realidade dos movimentos rebeldes dos nortistas. Muitos lutavam por reedificações e buscavam ser vistos pelo poder público. As medidas de socorro providenciadas a partir das revoltas dos *rebeldes e criminosos*, como assim eram chamados, é o foco das problemáticas trazidas pela imprensa, o que motivou os senhores de terras, situados em uma nova concepção econômica (em que a terra passa não só a ser prestígio social, como valor econômico), a enxergar nesse problema uma possibilidade de lucrar com a seca e em paralelo assegurar a manutenção de suas terras.

Até aqui compreendemos que: a mídia intensificou o olhar para o Nordeste, os senhores de terra, motivados pelo intuito de lucrar com a seca, dificultaram a passagem desses anos, e o cenário brasileiro, como um todo, em sua busca pelo moderno, flexibilizou o surgimento da visão pejorativa sobre a região nordestina. Dado isso, pautamos nossa análise em algumas representações sobre a região e buscamos verificar,



através da ordem do discurso e imagem, bem como estuda Almeida e Afonso, 2015, como as representações inseridas em periódicos que fizeram uma cobertura dos anos de 1877-1879 repercutem visões negativas que ajudam a formar imaginários coletivos.

José de Patrocínio, redator/ jornalista enviado ao eixo dos acontecimentos da grande seca, nos anos finais de 1877, narra uma passagem que é citada por Andrade, 2004, que seria vinculada ao jornal o *besouro*. O que vemos é que as fotos tiradas por J.A Corrêa, potencializam visões depreciativas sobre os nortistas. As imagens caminham ao lado de toda a estética realista-naturalista que aquele período esboçou. Sendo expostas em locais que fogem das entrelinhas impressas nos periódicos, muitas imagens chegam à população letrada e não letrada sem nenhuma explicação prévia (o que é normal para o período, pois era comum a falácia de que toda imagem se auto-explica). Foi comum por exemplo; as imagens sobre os flagelados serem expostas posteriormente em manuais de escolas que associavam a magreza extrema e a fragilidade do corpo dócil, como diria Foucault, aos conceitos fisionômicos das pessoas nordestinas



Figura 01, ESPINHEIRA, 1935, p.20.

Na imagem acima, retirada do livro escrito por Espinheira, 1935, p.20, observamos como as representações imagéticas são criadas através das imagens que circularam durante o período da grande seca. O homem magro, com traços e expressão triste, descalço ao lado de um animal morto, em uma terra onde o solo é pedregoso, repleto de plantas secas e abutres que se direcionam até o local do animal morto, à espera também da morte do nortista. Além disso, vemos que o gado olhando o retirante nos mostra como as formas de representação do Nordeste foram criadas a base de limitações.

Vale lembrar que não desconsideramos o fato da seca e dos problemas sociais que ela, juntamente com eixos políticos, causou, mas compreendemos que, apresentando a terra do nortista somente através de uma representação que mostra a seca, enfatizamos um discurso que mostra toda a população nordestina como um corpo *dilacerado*. Já nos trechos dos jornais que foram divulgados os acontecimentos da seca de 1877-79, observamos que as falas sempre buscam mostrar as condições péssimas que a natureza *hostil* impôs ao homem do campo. Infelizmente não houve uma problematização naquele contexto, o que agravou a situação dos nortistas que passaram a ser cada vez mais dependentes dos políticos das províncias que, ao invés de ajudarem, somente reforçaram as visões dos jornais e se aproveitaram da situação para lucrar.

Os seus esquelitos corpos servem de alimento aos vorazes abutres, que, funebremente atemorizados baixam a terra e com elles se banqueteam da mesma forma, que os vermes sob as lages campanarias. Humanos caritativos, alerta! Não deixai perecer mais um só de vossos irmãos à carencia de uma migalha. (O RETIRANTE, 01 de julho de 1877, p. 01)

Para compreendermos como a questão imagética foi a base de uma motivação para a ideia de homem nordestino frágil, incompetente, imponente, é preciso entender que, antes de 1877-79, não se tinha uma ideia ilustrada do que seria o nordestino para além daquela imagem produzida pela indústria da seca, não se tinham uma visão e nenhuma concepção sequer da ideia de uma criança em condições de magreza extrema.

Logicamente as populações do Sul, e até mesmo as principais cidades do Nordeste, que estavam a busca do seu desenvolvimento urbano, como fortaleza (que até meados de 1877 não tinham mais que 20 mil habitantes em seu seio social urbano), jamais tinham visto um quadro de magreza e fome extrema. Essa realidade fugia das demais províncias; com a chegada das fotografias, com a mudança brusca de paradigmas entre novo e velho, erudito e popular, desenvolvido e bárbaro, logicamente todas as representações sobre a seca causariam um efervescer de pensamentos.

As súplicas constantes que as políticas públicas do Nordeste pediam, ou seja, o ato de manter em *alerta vermelho* a região, fez com que surgissem narrativas que pregavam que o Nordeste vivia a custo de “nossas esmolas”. Albuquerque, 2021, irá nos apresentar como essas intencionalidades, por meio das políticas compensatórias que se desenvolvem para assegurar os flagelos da seca, moldam uma problemática ainda maior, a ideia de que os nordestinos precisam ser apadrinhados pelo Sul. “Isto torna o Nordeste a região que praticamente vive de esmolas institucionalizadas através de subsídios,

empréstimos que não são pagos, recursos para o combate à seca que são desviados e isenções fiscais”.

A modernidade, assim como explica Berman, 1982, induz um parecer sobre as ideologias do novo que se inseria na sociedade brasileira, mudando quase que por completo todas as formas de vivências no complexo social. As novas técnicas revitalizam as organizações interpessoais das províncias no século XIX, bem como as atraem para uma nova realidade excludente, pois as questões socioculturais das formações identitárias são alicerçadas no *âmago* do Brasil, contudo, tais mudanças rompem de forma grotesca com as origens nacionalistas, que hoje sabemos que partem do nordeste brasileiro, reforçando pensamentos pejorativos sobre o berço da nossa formação cultural, política e econômica, o *homem do campo*.

As máquinas modernas mudaram consideravelmente nos anos que medeiam entre os modernistas do século XIX e nós mesmos; mas os homens e mulheres modernos, como Marx e Nietzsche e Baudelaire e Dostoiévski os viram então, talvez só agora comecem a chegar à plenitude de si mesmos. (BERMAN, 1982, p.35)

O periódico recém-criado em 1878, *o besouro*, traz uma conotação muito importante para nos referirmos às imagens que foram expostas a corte e a população. Ilustrações *fidelíssimas* produzidas por Rafael Bordalo Pinheiro com base nas fotografias enviadas por José do Patrocínio, mostram como o jornal, de sátiras e humor, choca a população letrada e não letrada por apresentar uma ilustração “da real situação” dos sofridos da seca. Seria essa a primeira imagem clara da real condição do retirante. O que antes era visto como exagero e *melodrama* produzido pelos cronistas e jornalistas do *besouro*, rompe, por meio da imagem-ilustrativa, com todo o desmerecimento que se dava ao cenário da seca. Embora muitos questionamentos fossem feitos sobre as ajudas enviadas às províncias afetadas pela estiagem, os socorros da região Sul eram constantes.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> A corte e alguns membros da elite, questionavam sobre as ajudas que eram enviadas a população, pois mesmo com as ajudas não se ouvia falar em melhora, somente em calamidade. Contudo existiam dois fatores, que a população do Sul não tinha conhecimento (por negligência, em sua maioria). Primeiro, o quadro da população nordestina era muito agravante, principalmente pelo conjunto sistêmico que afeta a região; a seca agravou a fome, agravando as doenças e a questão salubre, gerando mais doenças à população afetada pela falta d'água. Outro fator, era irresponsabilidade da elite dirigente das províncias. Pois, muitas das ajudas foram dribladas e desviadas para os senhores de terras, empresários, a elite maliciosa do Nordeste.



Figura 02, presente no *o besouro*, 1878.

As imagens *grotescas* do sertão nordestino tinham o intuito de informar a população *erudita* do Rio de Janeiro, por exemplo, sobre as usurpações das ajudas destinadas aos flagelos e sobre os verdadeiros horrores que sofreu o homem do campo. Porém as impressões não são controladas, ou seja, não temos um controle sobre as formas que serão interpretadas as imagens. É justamente isso que podemos ver nessa imagem, a possibilidade de várias leituras. O ideal da época focava em uma imagem naturalistarealista, o que não foi diferente com a imagem dos flagelados, que foram retratados de forma pejorativa o intuito com intuito de informar (como já foi dito), mas, moldados nesse universo do *belo*, as interpretações tomaram outras proporções, pois o corpo apresentado ia contra toda e qualquer representação de um desenvolvimento. Nesse sentido, as formas mais comuns de entender o Nordeste partem de um conceito naturalista que visa mostrar que as técnicas de sobrevivência, por exemplo, tornam-se um meio dos nortistas garantirem sua sobrevivência. O que resulta na disseminação de visões limitadas sobre o sertanejo, principalmente as que o homem do campo, a terra e os animais selvagens em um só ser.



Figura 03, idem, 1878.

A figura de número 03 apresenta uma explicação não somente da figura 02, presente no periódico o *besouro*, bem como mostra a importância da imagem e suas vozes. Por meio da imagem temos as vozes que são omitidas, vozes que são excluídas. As imagens carregam consigo uma construção realista do que se ouve falar, do que se concebe nos pensamentos, por fim, elas encarnam todas as impressões prévias de um ato, de uma cena, de um lugar ou de uma pessoa. Dessa forma, a visibilidade que o Nordeste transmite para o restante do Brasil é *frágil, hostil*, na pior das hipóteses, uma terra traiçoeira que coloca em xeque até mesmo os seus moradores.

A seca, fenômeno conhecido desde o período da colônia, ganha espaço no imaginário coletivo a partir do uso da imagem, momento que a agitação moderna e o uso das fotografias, presentes nos jornais, criam definitivamente uma ideia *real* do que seria esse corpo frágil, resultado de uma terra traiçoeira. Nessa análise, José do Patrocínio nos mostra, em o *besouro*, que a produção jornalística cria espaços para o imaginário nordestino. Além disso, ele nos mostra que o Sul já possuía uma visão prévia e degradante do Nordeste, o uso da imagem só fez com que o corpo *frágil, esquelético* e grotesco, tomasse cores perante os pensamentos.

Ao passo que moldaram um imaginário coletivo sobre o Nordeste e os preconceitos embutidos, os anos de 1877-79 foram sem sombra de dúvidas os responsáveis por toda essa construção imagética. Porém, ao falarmos sobre os flagelos (ao longo deste trabalho), automaticamente estamos relembrando que Euclides da Cunha

tem um papel significativo na compreensão moderna do sertanejo. É a partir da sua obra *os sertões; a campanha de canudos*, 1902, que muitas concepções sobre o nordeste entram em questionamento.

Aliás, não importa se foi através de Euclides da Cunha o que o imaginário foi construído. Até mesmo por que, a partir da parte final de sua obra intitulada *a luta*, observamos que ele certamente não iria se vangloriar de ser o autor responsável por trazer um marco na compreensão moderna sobre o Nordeste e seus preconceitos. Mas a importância de mencionarmos sua obra faz-se presente para entendermos alguns pontos, como, por exemplo, a discussão sobre os termos pejorativos. O ato de estarmos centrados nos anos de 1877-79, não nos limita somente a essa época X, até mesmo porque o recorte cronológico irá trazer consequências até os dias atuais, daí o motivo de toda essa explicação.

É importante falarmos de Euclides da Cunha, pois este foi um importante jornalista que viveu entre os anos finais do século XIX ao início do século XX. Cunha vivenciou toda uma ruptura entre o *novo e o velho*, sendo ele um jornalista, esteve presente na investida contra canudos, narrando o acontecido, o que dá vida a sua obra *os sertões*. A construção do imaginário se torna relevante pois entendemos o Nordeste a partir desses pontos. Por vários meios de comunicação essa imagem negativa sobre o Nordeste já entra nas impressões prévias de Cunha. O que nos mostra que, antes de sua escrita, já existia uma analogia sobre a região.

Se formos analisar o quadro das secas no Nordeste entendemos que os entendimentos sobre os estereótipos nordestinos são formulados desde os registros das primeiras secas, nessa perspectiva, *os sertões* têm grande reconhecimento por ser a primeira obra de cunho literário que não irá falar da seca em si, mas sim uma análise que procura compreender os fatores sociais e históricos que moldaram a região e as pessoas que ali vivem.

O contexto moderno insere Euclides da Cunha como grande marco do imaginário popular. Este será o primeiro que analisará uma tragédia repercutida em âmbito nacional, além de um discurso que mostra como a seca foi ruim para a sociedade nortista, ou seja, as rupturas sobre as peculiaridades da seca, uma discussão abrangente que vai além de uma seca a base de toda a construção imagética nordestina. Dessa forma temos; 17231727, como uma das primeiras secas registrada no Nordeste, caracterizada pelo deslocamento dos grupos indígenas, além de uma *peste* que assolou a região. 1877-1879, uma seca que atingiu grande parte do Nordeste, causando a morte de mais de 500 mil

peças, caracterizada pelo movimento de diáspora nordestina e a criação do imaginário coletivo sobre a região. 1934-1936, a grande estiagem do século XX, que também atingiu outras regiões além do Nordeste brasileiro. Assim, entende-se que a visão prévia que norteava Cunha tinha base na sociedade que aspirava o ar de modernidade desde 1871, além dos grandes números de estiagem que vivenciou o Nordeste.

Cunha, quando direciona-se ao povoado de canudos, como jornalista de campo, da província de São Paulo, carrega consigo uma visão muito fechada do povo nordestino, pois observamos em suas falas iniciais que ele considerava as províncias do sul como *modernas, civilizadas*, cabendo somente o termo de *bárbaro* para os demais homens, mulheres e crianças. Na parte do seu livro: *a terra*, Euclides já possuía uma visão prontamente baseada no darwinismo, em que analisa o cenário por meio da natureza e, nessa análise, nos mostra como uma geografia inóspita, como em Canudos, seria excludente de qualquer formação/organização social. Já na segunda parte ele nos mostra que o sertanejo, em sua visão, era um *forte*, pois estava ali resistindo ao meio perverso que a natureza nordestina o lançou. Porém, ainda é notória a concepção de “bárbaros”. Finalizando sua obra com *a luta*, como já citamos, é aqui que vemos a desconstrução do próprio autor (diante da chacina que foi travada entre o exército e o povo de canudos) mediante o que ele considerava civilizado e bárbaro. Autores posteriores a Euclides da Cunha, como Rui Facó e Gilberto Freyre, ambos citados nesse trabalho, mostram como as obras posteriores aos *sertões* buscaram romper com uma concepção de nordeste vinculada explicitamente à natureza. Facó traz uma análise que notoriamente busca mostrar em *cangaceiros e fanáticos*, o produto da seca, que seria os homens motivados e crescidos em uma cultura de resistências e lutas que dá brechas ao cangaço e a fé, que dá esperança de uma melhora. Por fim, Freyre, em *casa grande e senzala*, mostra como a sociedade que buscou a modernização por anos deixou de lado o fator primordial para a nossa construção identitária, as raízes, a mestiçagem e o nordeste. Aos anos atuais a visibilidade nordestina ainda é recheada de grotescas falhas, ao passo que estudamos as representações dos nordestinos, ao longo dos anos, vimos que as fotografias, trazidas pelos jornais, apresentam uma ideia de expor ao mundo as dores do homem do campo, inseridos em uma árdua realidade e ainda subjugados pela política que, em teoria, deveria zelar. A verdadeira *necropolítica*. Por meio do imaginário recheado de preconceitos, instigados por uma negação do eu, o Nordeste foi colocado de lado. Na contemporaneidade vemos que a negação e os preconceitos forjados desde a exposição das vidas dilaceradas, resultam ainda hoje em problemas gritantes no meio social, o que deixa nítido que essa

discussão sobre a construção do imaginário nordestino faz-se importante para analisarmos as causas atuais.

Nos anos de 2022, após a eleição presidencial ser direcionada ao segundo turno, vimos as frequentes matérias sobre os ataques xenofóbicos direcionados ao nordeste. Ao longo de sua formação sociopolítica, vimos que muitos autores e intelectuais criticam o Nordeste, por este ter sido assegurado por anos, através das políticas compensatórias, criando uma relação de dependência. É neste cenário que entram os discursos que associam a região a limitações físicas e intelectuais, recorrendo a políticas que transparecem uma visão *paternal*. As ajudas aos menos favorecidos nunca serão compreendidas em uma sociedade que não reconhece as limitações do próximo. As concepções e representações imagéticas, ao longo dos anos estudados, finais do século XIX buscavam uma idealização da estética do belo, em suma, buscava uma representação da visão modernista. As rupturas trazidas pelos jornais da época, que iam contra a estética idealizada, postulavam uma crítica social perante a negligência das autoridades perante a seca. Infelizmente, não foram as iniciativas dos jornais que mudaram as visões sobre a região nordestina. Mas, pelo contrário, a imagem da seca seria tão debatida como causa principal da fragilidade do Nordeste que, ao longo dos anos, as belezas do Nordeste também passaram a ser vistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nordeste, região problema, Nordeste da seca e da miséria, Nordeste sempre ávido por verbas públicas, verdadeiro poço sem fundo em que as tradicionais políticas compensatórias de caráter assistencialistas, só contribuem para consolidar as velhas estruturas socioeconômicas e políticas, perpetuadoras da miséria. Essas são apenas visões parciais dessa região nos dias presentes. Revelam parte da verdade sobre a realidade econômica e social nordestina, mas não apresentam os fatos novos dos anos mais recentes. Não revelam a atual crescente complexidade da realidade econômica regional e não permitem desvendar uma das mais marcantes características do Nordeste atual: a grande diversidade, a crescente heterogeneidade de suas estruturas econômicas. (ARAÚJO, 1991 p. 132)

O Nordeste é, sem dúvidas, a terra que está entre o imaginário e o real, na mesma intencionalidade que transcende as visões sobre uma terra sofrida e moldada à base da seca. A figura do ser nordestino vai muito além de uma impressão conotativa do homem do campo, dos homens valentes, o ser “cabra macho”, “cabra da peste” que é veiculada



em discursos que trazem representações da cultura, política e economia da região nordestina. As representações dos nordestinos através de uma imagem de bravo, valente e forte, hoje é incorporada a sua indumentária, em muitos casos, como um elogio ao homem que, diante todas as adversidades, resistiu à fome e à seca.

Porém, como vimos ao curso dessa apresentação, as tradicionalidades típicas do Nordeste surgem como uma necessidade do meio. Ao passo que as políticas públicas inserem-se na região, políticas assistencialistas que visavam ajudas eram destinadas em forma de assistência, e não de uma política desenvolvimentista, que buscava desenvolver a região afim de assegurar que a migração não seja necessária durante períodos de estiagem.

Ditamos, a região formadora da miscigenação, cultura e economia brasileira, apenas cultura e natureza. A cultura mostra e reflete o quão amplo é o Nordeste: uma terra acolhedora, diversificada, rica em costumes e tradições. Um lugar onde o “eu” é valorizado e respeitado. É natural, pois não há riqueza maior do que está deixada pela natureza exuberante da região. Sem a necessidade de associarmos o contexto político, pois este é vinculado ainda hoje às intencionalidades depreciativas.

Os anos de 1877-79, centrados dentro de uma modernidade que buscava o Brasil, deu visibilidade ao sertanejo, inicialmente pela imprensa, que possibilitou uma representação do nortista por meio das imagens. As imagens foram palco de grande discussão ao longo dos anos de 77-79, pois deram vida a real e concreta ideia que se tinha sobre a seca e o seu produto, o retirante. Mas ao passo que vimos a modernidade chegando ao Brasil, moldada por uma ideologia europeia, notamos também o fortalecimento do preconceito contra o nortista. Não estamos postulando que o processo do modernismo foi algo ruim, pois a sua ideologia tentava trazer uma valorização através da arte e da cultura. Mas, contudo, deixamos claro que as pessoas moldam as ferramentas. Talvez o agravamento esteja ligado ao contexto formador do Brasil-colônia e o não reconhecimento de sua nacionalidade após ser uma monarquia ainda refletida e moldada aos parâmetros europeus.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

A IMPRENSA. **A imprensa**, p. 02. 31 de julho. 1877.

O BESOURO. **O besouro: folha ilustrada humorística e satyrica**, p.121. 20 de julho. 1878.

O BESOURO. **O besouro: folha ilustrada humorística e satyrica**, p.122. 20 de julho. 1878.

O CEARENSE. **O cearense**, p.03. 30 de julho. 1877.

O RETIRANTE. **O retirante**, p.01. 01 de julho. 1877.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PORTO, Carlos Eugenio. **Roteiro do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

ARAÚJO, M. M. Balduino. **O Poder Político e a Seca - 1877-1879 no Piauí**. 1. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras e FUFPI, 1991. v. 1. 131

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ALBUQUERQUE, M. Durval. **A invenção do Nordeste: e outras artes**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

CUNNIFF, Roger L. **“O Nascimento da Indústria da Seca: Imperial e Provincial Resposta à Grande Seca no Nordeste do Brasil (1877-1880)”**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. VI, nº ½, pág. 65-82, 1975.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento, In, História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. p.80 BERMAN, Marshall. **Modernidade: Ontem, hoje e amanhã**. In: \_\_\_\_\_. *Tudo que é sólido desmancha no ar: aventuras da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

- ALEMEIDA, I; AFONSO, J. **Imagens e representações**: o nordeste brasileiro representado entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, 2015.
- OLIVEN, R.G. Urbanização e mudança social no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. Dimensões sociais do processo de urbanização no Brasil. pp. 54-73.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- COSTA, Araújo. J. **O fenômeno el niño**: e as secas no nordeste do Brasil. Revista Científica do IFAL, V. 1, edi.4, 2012, p. 72-82.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA  
BIBLIOTECA

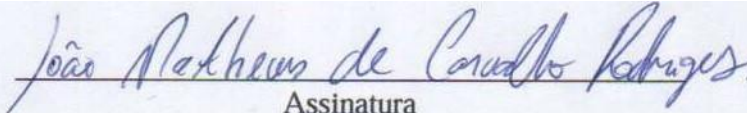
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, **João Mathews de Carvalho Rodrigues** autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação: **“As construções do imaginário nordestino através de uma análise político-econômica e hemerográfica (1877-1879)”** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão. Pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI – 27 de setembro de 2023.

  
Assinatura